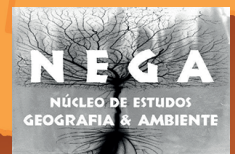


VOLUME 1
Cartografias
contracoloniais



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA

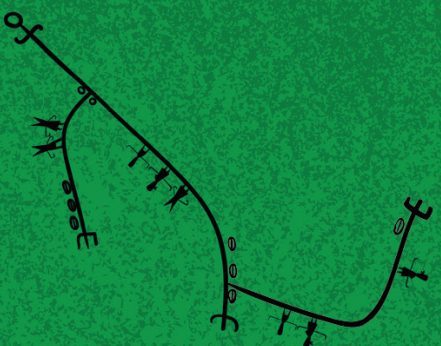
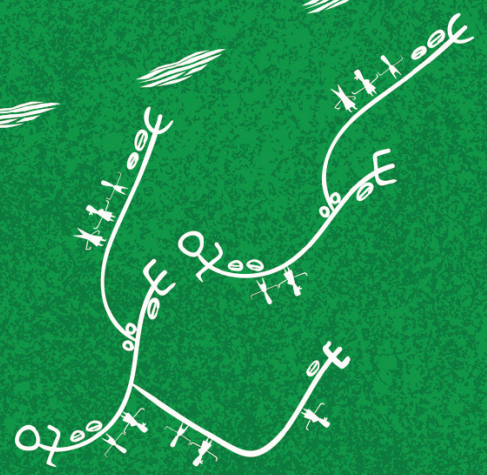
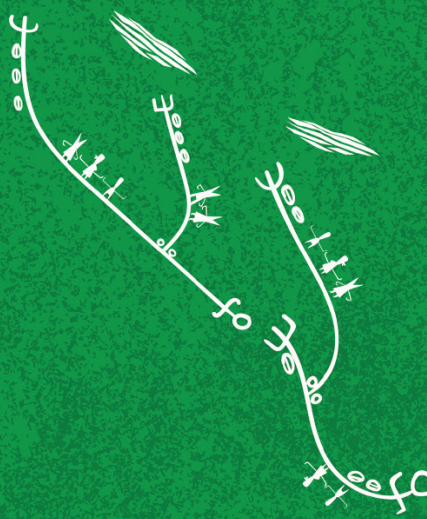


**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 1

**Cartografias
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**



QUILOMBO DA FAMÍLIA LEMOS

ENCONTREI MINHAS ORIGENS

*Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei em palavras
cantos
em furiosos tambores
ritos
encontrei minhas origens
na corda da minha pele
nos lanhos da minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei.*

Oliveira Silveira, 1981



VERSÃO DIGITAL

COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; BARBOSA, Sandra Valéria Lemos; LEMOS; Sandro Gonçalves; *et al.* Quilombo da família Lemos. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 283-311



NARRATIVAS ESPACIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA LEMOS

O Quilombo da Família Lemos é a sétima comunidade quilombola de Porto Alegre a se autorreconhecer. Esse território quilombola está localizado na zona Sul, na Av. Padre Cacique, 1250, no bairro Santa Tereza, próximo à orla do lago Guaíba (Figura 1).

A Família Lemos se formou da união de Délzia Gonçalves de Lemos e Jorge Alberto Rocha de Lemos (Figura 2) e eles tiveram seis filhos. Inicialmente, o casal se instalou no Passo da Batalha, na divisa entre os municípios de Viamão e de Porto Alegre, porém, no início da década de 1960, Jorge passou a trabalhar como zelador no Asilo Padre Cacique, distante 18,5 km do lugar, em que a família morava.

Na época, o final da linha do bonde ficava na Igreja Menino Deus e, do final da linha, Seu Jorge tinha que se deslocar diariamente 2 km a pé, para chegar ao trabalho. Assim, por volta de 1964, a família passou a ocupar o atual território quilombola. Situado entre os terrenos do asilo Padre Cacique e da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE), na época da chegada da família, o terreno não era reclamado por nenhuma das instituições.

A mudança para as proximidades do trabalho facilitou o deslocamento de Jorge e também permitiu que D. Delzia arranjasse emprego na mesma instituição. Delzia e Jorge trabalharam no asilo por 35 e por 44 anos, respectivamente. Em 1964, chegaram no território quilombola, além do casal Delzia e Jorge, os cinco filhos e a matriarca, Vó Anna Julia (Figura 3), mãe de Delzia. O 6º filho, Sandro Gonçalves Lemos (Figura 4), nasceu quando a família já estava instalada na Avenida Padre Cacique. Atualmente, Sandro tem 46 anos e é a prova viva da ocupação ininterrupta do território pela família Lemos (Figuras 5 e 6).

A primeira casa da família era uma peça simples, erguida pelos pais e pela avó, e contava com um quarto para os seis filhos e a avó e outro para o casal. Com o tempo, a família foi fazendo melhorias no lugar. As principais melhorias foram o aumento da casa da família (Figura 7) e o desenvolvimento de obras de escoamento da água que verte do morro Santa Teresa em dias de chuvarada. Dessas obras, originaram-se dois canais de drenagem: um, próximo à casa principal e outro, mais acima, em direção à encosta, próximo aos limites do terreno.

A Vó Julica, como era conhecida D. Anna Júlia, possuía muitos conhecimentos sobre o uso de ervas e de medicinas naturais. A relação de territorialidade da família Lemos e suas raízes quilombolas se consolidam na Avenida Padre Cacique, através das práticas e das vivências espaciais no trato com a terra, que são herdadas da família da matriarca Delzia Gonçalves Lemos. Délzia é natural do município de Canguçu (Figura 8) e possui vínculos familiares e culturais

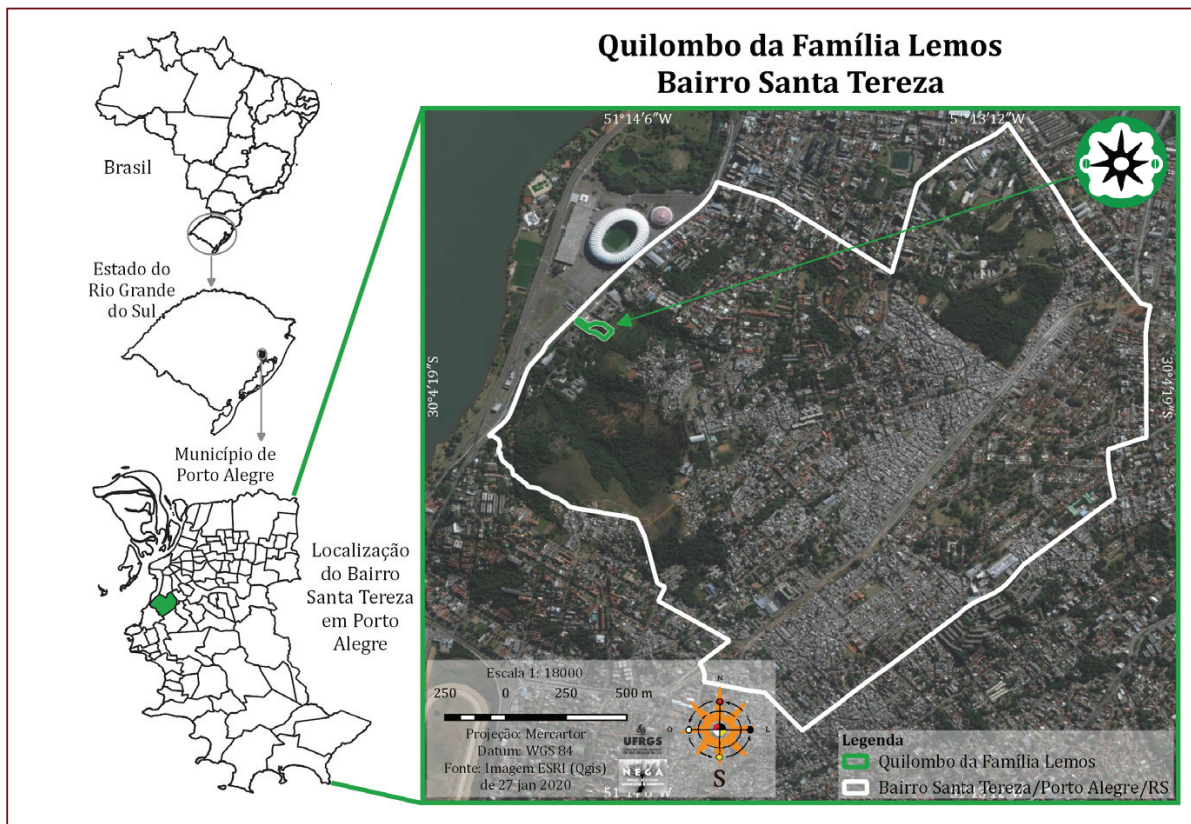


Figura 1 – Mapa de localização do Quilombo da Família Lemos no bairro Santa Tereza, Porto Alegre.
Fonte: NEGA (2021)

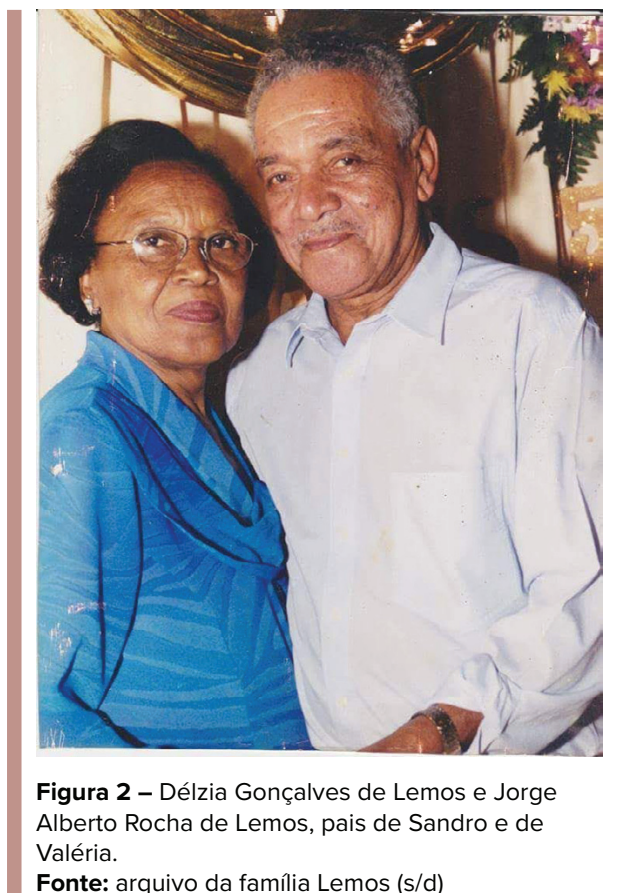


Figura 2 – Dêlzia Gonçalves de Lemos e Jorge Alberto Rocha de Lemos, pais de Sandro e de Valéria.

Fonte: arquivo da família Lemos (s/d)



Figura 3 – Anna Júlia Ribeiro Gonçalves, a Vó Julica, em sua casa, no território quilombola.

Fonte: acervo da Família Lemos (s/d)



Figura 4 – Sandro Gonçalves Lemos no território do Quilombo da Família Lemos. Aos 6 anos, em 1981, e aos 44, em 2019, segurando a certificação de autorreconhecimento, emitida pela Fundação Cultural Palmares.

Fontes: acervo da família Lemos (1981) e acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)



atrelados ao Quilombo do Maçambique (Figura 9), comunidade quilombola rural, certificada pela Fundação Cultural Palmares, em 2009 (OLIVEIRA; RUBERT, 2011). A Vó Julica e sua mãe, D. Maria Rita Ribeiro, estão enterradas no cemitério da família, em Canguçu, no território do Quilombo de Maçambique. A ancestralidade quilombola da família Lemos se manifesta, antes, mesmo, da chegada da família a Porto Alegre.

Com o falecimento de Jorge, em 2008, a família passa a ter seu território ameaçado. Assim, em 2009, tem início às primeiras tentativas de reintegração de posse, movidas pelo Asilo Padre Cacique. A manifestação mais grave do pedido de reintegração de posse aconteceu no final de 2018. No dia 7 de novembro de 2018, (Figura 10) teve início um cerco sobre o território, que durou mais de 15 dias. A família resistiu, aquilombada entre barricadas (Figuras 11, 12 e 13).

O cerco, gerado pelo pedido de reintegração de posse, movido pelo Asilo Padre Cacique em 7 de dezembro de 2018 foi suspenso no mesmo dia, por ocorrer de forma ilícita, pois não respeitava a presença da Defensoria da União e não incluía um plano de ação e de acolhimento das famílias do espaço. No dia 12 de novembro de 2018, houve a emissão da certidão da Fundação Cultural Palmares, que atesta o autorreconhecimento quilombola da comunidade. Assim, em 20 de novembro de 2018, a 17ª Vara Cível do Foro Central de Porto Alegre julgou que qualquer ação movida contra ou pelo Quilombo da Família Lemos deve tramitar em âmbito federal, junto aos órgãos e às instâncias responsáveis pelas questões quilombolas (Figura 14).

Em 2020, durante a pandemia de Coronavírus, a família Lemos é acossada, novamente, com uma tentativa de remoção, acionada pelo Asilo Padre Cacique. A ação foi freada, através de decisão do Tribunal Regional Federal (TRF-4), haja vista que os estudos demarcatórios, realizados pelo INCRA, não foram concluídos e estão paralisados, devido à suspensão de atividades, acarretada pela pandemia. Apesar dos constantes ataques, o Quilombo da Família Lemos resiste.

Na **Espiral das resistências do Quilombo da Família Lemos** (Figura 15), apresentamos o registro de importantes marcos históricos do percurso da família Lemos, incluindo a conquista da certidão de autorreconhecimento, emitida pela Fundação Cultural Palmares, em 2018, e as lutas atuais de permanência no território.



ÁRVORE GENEALÓGICA

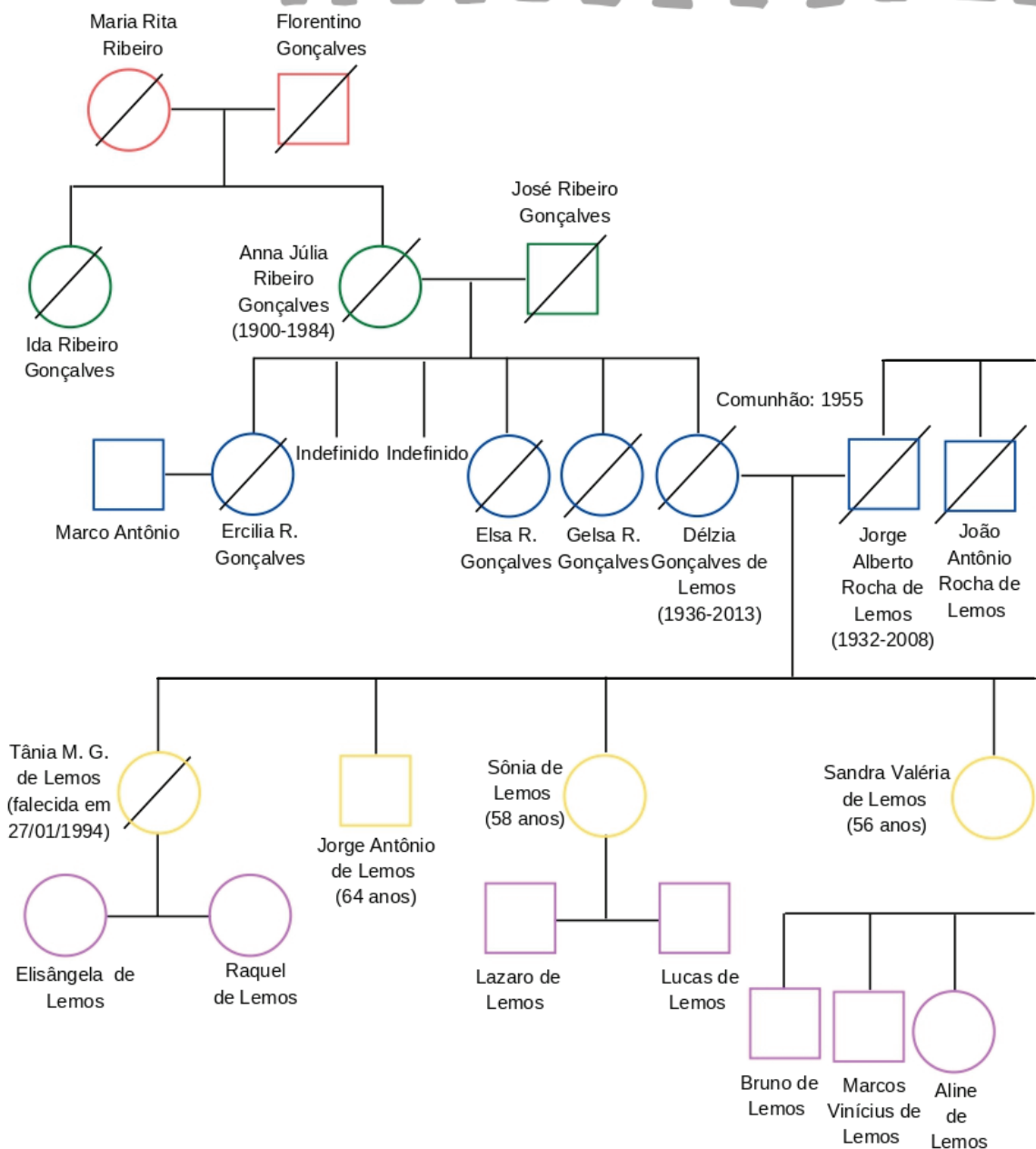


Figura 5 – Árvore genealógica da família Lemos.
Fonte: NEGA (2019)





DA FAMÍLIA LEMOS

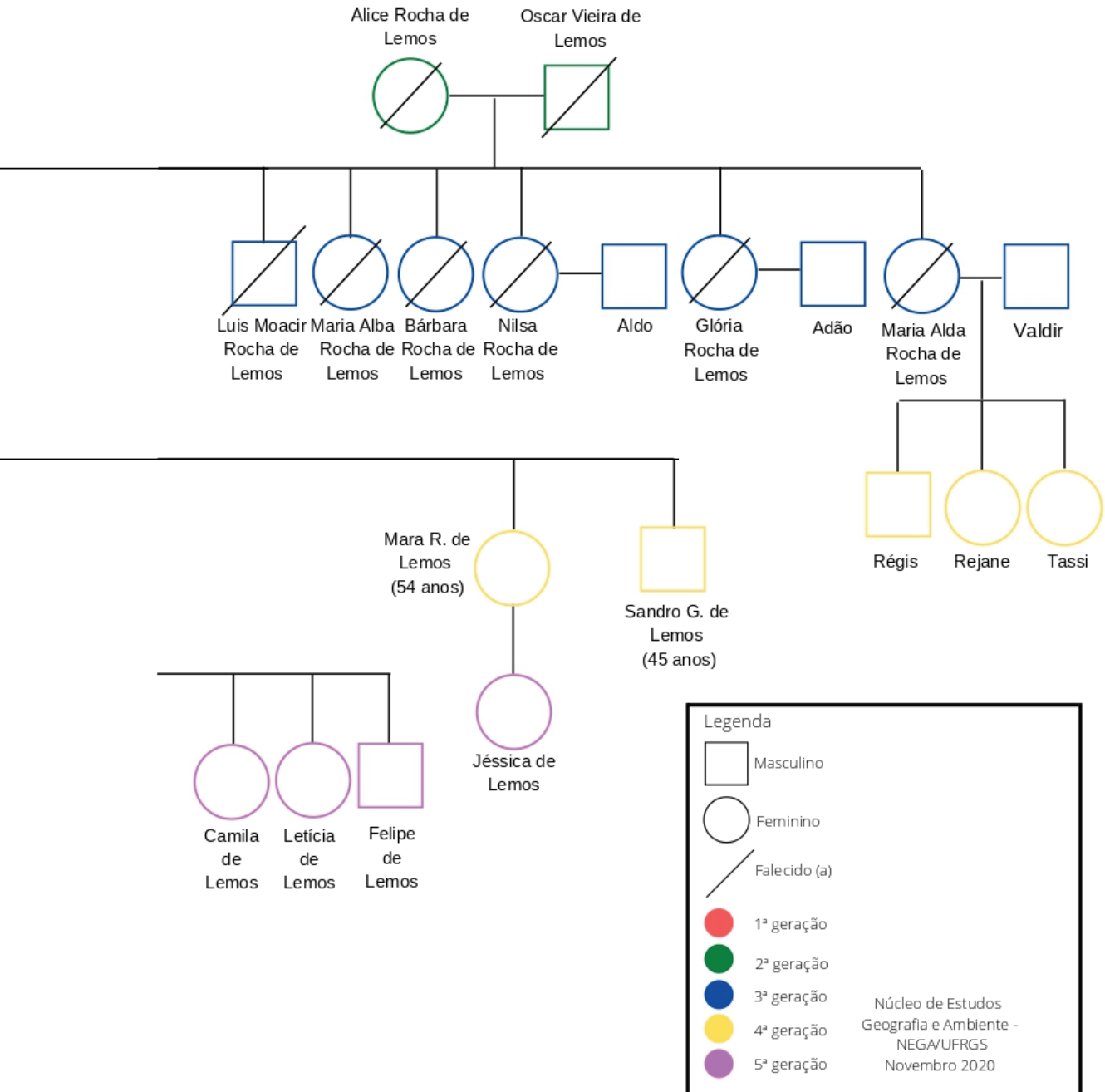




Figura 6 – Família Lemos e apoiadores na luta quilombola, em 2018.
Fonte: arquivo da Frente Quilombola RS (2018)



Figura 7 – Pátio do quilombo. À esquerda, a Quilomboteca, construída para difundir os saberes quilombolas, e, à direita, a casa da família, construída pela avó Anna Julia e pelos pais Jorge e Delzia Lemos.
Fonte: Ariel Rocha de Lima (2020)





Diáspora Quilombola: Família Lemos, década de 1940

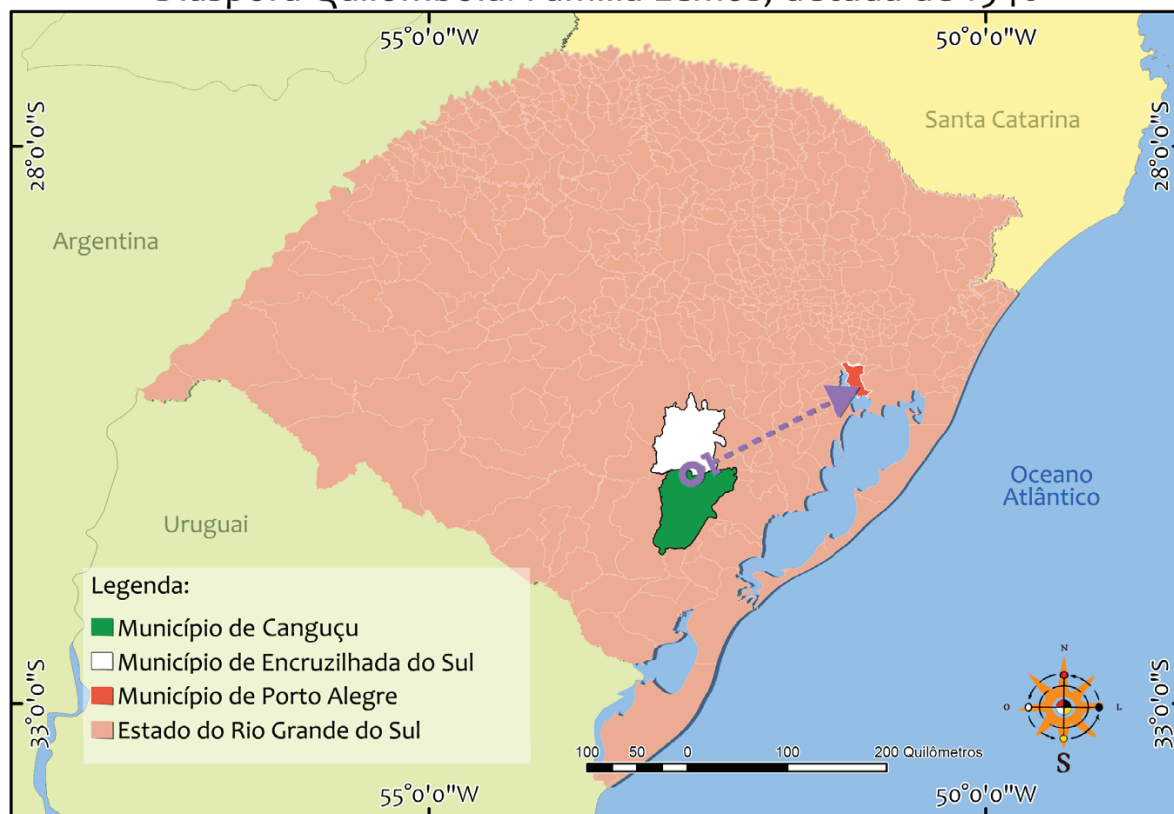


Figura 8 – Mapa da Diáspora da Família Lemos no Rio Grande do Sul.

Fonte: NEGA (2021)



Figura 9 – À esquerda, casa de pau a pique no território do Quilombo de Maçambique, em Canguçu (RS); à direita, túmulos do cemitério do Quilombo de Maçambique.

Fonte: Oliveira e Rubert (2011)



Figura 10 – Registro da tentativa de reintegração de posse, em 07 de novembro de 2018.
Fonte: arquivo da Frente Quilombola RS (2018)



Figura 11 – Barricadas quilombolas, instaladas pela comunidade, durante o processo de reintegração de posse.
Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)



Figura 12 – Durante o cerco, foram organizadas atividades culturais, apoiadas pela Frente Quilombola do RS, pelas demais comunidades quilombolas da cidade e por parceiros dos movimentos sociais.

Fonte: arquivo da família Lemos (2018)



Figura 13 – Durante a noite, a família e os parceiros faziam vigília.

Fonte: arquivo da família Lemos (2018)

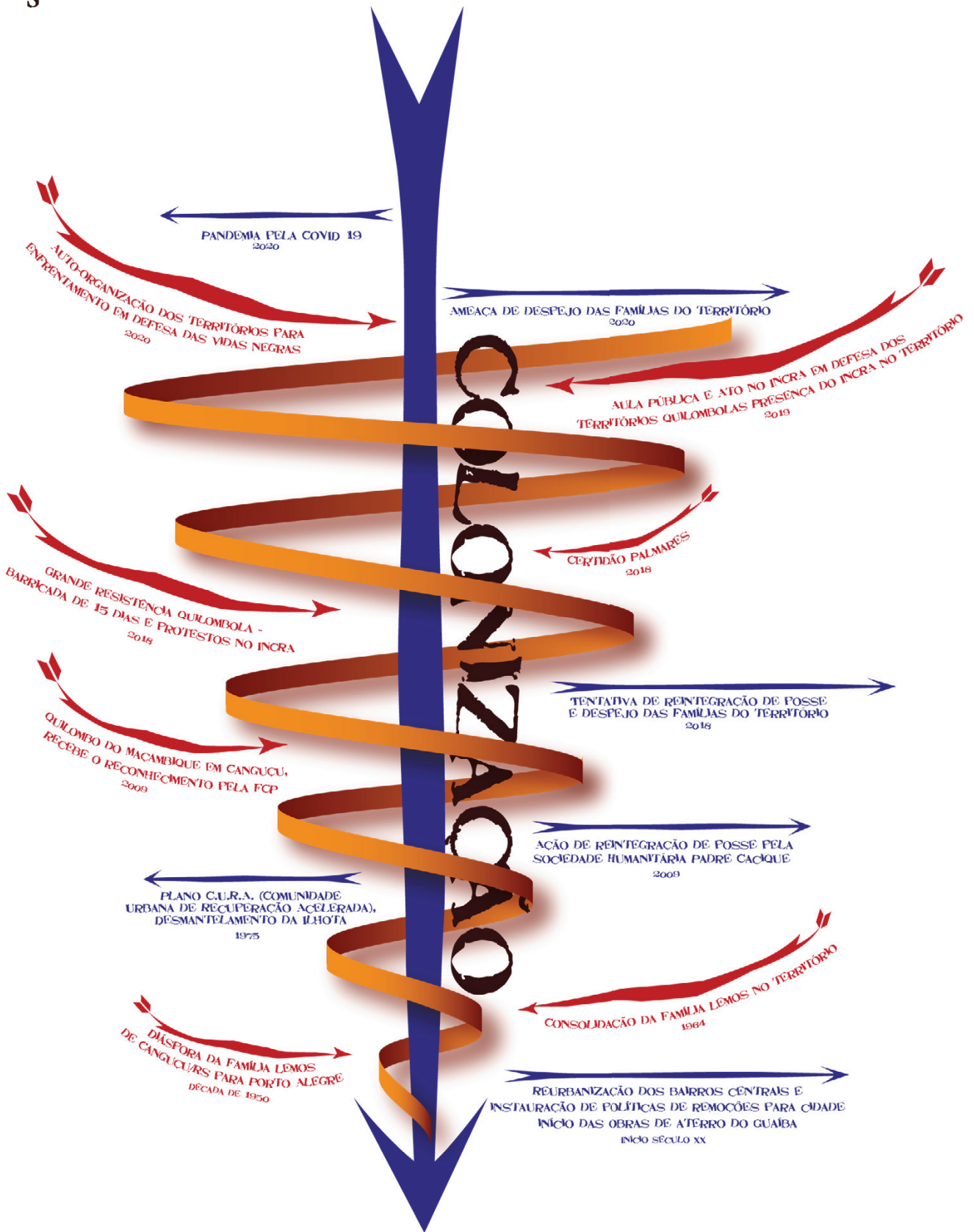


Figura 15 – Espiral da Resistência do Quilombo da Família Lemos.
Fonte: NEGA e Sandro Lemos (2021). Ilustração: Gabriel Muniz (2021)



Figura 14 – Mobilização da família Lemos e de seus parceiros em frente ao Foro Central.
Fonte: arquivo da família Lemos (2018)

CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA LEMOS

O processo de mapeamento coparticipativo, para o desenvolvimento das cartografias contracoloniais do Quilombo da Família Lemos, ocorreu em três momentos. O primeiro trabalho de campo aconteceu em 16 de novembro de 2018, no qual fomos recebidos por Sandra Valéria Lemos Barbosa e por Sandro Gonçalves de Lemos. Neste primeiro encontro, foram registrados os depoimentos dos irmãos em uma imagem de satélite, abrangendo o território do quilombo e o seu entorno (Figura 16). Houve, também, a captação de pontos geodésicos e registros fotográficos.

O segundo momento foi o levantamento de imagens aéreas, através do uso de drones, o que aconteceu em 19 de novembro de 2018. O levantamento foi conduzido pelo geógrafo Éder Rodrigues (da UFRGS) e resultou nas ortofotos (fotografias aéreas), que compõem as cartografias dos marcadores territoriais e dos movimentos históricos e cotidianos deste capítulo.

O último trabalho de campo aconteceu em 28 de fevereiro de 2020, no qual contamos com Sandro Lemos, para a revisão do material, feito a partir do primeiro campo, bem como para a coleta de novos pontos geodésicos e de registros fotográficos.



Figura 16 – Trabalho de campo, realizado junto à família Lemos.
Fonte: acervo de Cláudia Pires (2018)

O conceito de cartografia contracolonial deriva da associação teórico-metodológica das concepções de Santos (2015) e da construção metodológica da cartografia social (ACSELRAD, 2008). Associamos, ao desenvolvimento das cartografias, as construções teóricas de marcadores territoriais de Isabel Henriques (2003) e os valores afrocivilizatórios dados por Azoilda Trindade (2010), que são enunciados pelos entrevistados, ao longo da construção dialógica dos mapas, resultantes da realização das entrevistas semiestruturadas sobre o lugar, sobre as memórias e sobre as trajetórias do entrevistado, em que registramos as marcas territoriais da comunidade, com o auxílio de uma imagem de satélite. Através do lugar de escuta (FREIRE, 2016), que ocupamos, como pesquisadora/es, desenvolvemos, em parceria com as lideranças comunitárias, as interpretações e as afirmações sobre os territórios quilombolas, que dão origem às cartografias contracoloniais.

Na cartografia **Quilombo da Família Lemos: Marcadores Territoriais** (Figura 17), são apresentadas as diversas relações da família com o território quilombola. Passando por marcadores antigos, até os cotidianos atuais, esses registros fazem parte das memórias e da presença do Quilombo da Família Lemos na cidade de Porto Alegre.



Valéria conta que chegou ao território quilombola, quando tinha cinco anos. Ela acompanhou as transformações realizadas pela família no transcorrer dos anos. Segundo os irmãos, anualmente eram feitas reformas e melhorias na casa da família, até 2008, quando Seu Jorge veio a falecer. Com a morte do pai, a direção do Asilo Padre Cacique tomou medidas, sem sucesso, para expulsá-los do território, as quais acabaram coibindo as reformas de manutenção.

Valéria e Sandro também nos contam sobre as memórias, relacionadas à criação de animais e às antigas plantações de milho, de verduras, de chás e de frutas de diversas variedades¹, que faziam parte da presença da família no território. As árvores e as diversas plantas permanecem no território, até hoje (Figura 18).

[...] mato sempre existiu; o pai veio pra cá, ele foi limpando, para poder plantar, para poder criar porco, galinha. [...] para lá, tudo era plantação de milho; isso é uma lembrança que a gente brincava muito com as bonequinhas de milho, a gente fazia boneca de milho. (depoimentos pessoais de Sandra Valéria Lemos Barbosa e de Sandro Gonçalves de Lemos em entrevista concedida ao NEGA, em 16/11/2018)

A criação de porcos e de galinhas, além da plantação de milho, de verduras e de frutas de todos os tipos, sempre fez parte da presença da família no território. Quem organizava as culturas era o Seu Jorge, da mesma forma que a avó Anna Julia cultivava ervas e medicinas naturais, desenvolvendo todo o tipo de cura para a família, através de benzeduras e de receitas caseiras. Valéria traz o exemplo da alergia, que ela tinha da árvore de Aroeira, que havia no pátio, da qual foi curada, ainda pequena, pela Vó, que a fez aspirar os vapores das essências desta mesma árvore.

As pressões exercidas pelo Asilo Padre Cacique, em 2018, e posteriormente, em 2020, para a reintegração de posse, geraram uma efervescência vigilante, que possibilitou a realização de atividades de formação e de fortalecimento do território e das identidades quilombolas. Assim, foram retomadas a horta da família (Figura 19), e se consolidou a Quilomboteca Delzia Gonçalves Lemos, cujo nome é uma homenagem à mãe de Sandro e de Valéria (Figura 20).

Na cartografia dos **Movimentos históricos e cotidianos do Quilombo da Família Lemos** (Figura 21), estão registrados alguns dos deslocamentos principais da família Lemos. No passado, os trabalhos de Delzia e de Jorge no Asilo Padre

¹ Cultivavam: ameixa (amarela, grande, e roxa e rosa, pequenas), uvas (roxa, rosa e branca), pera, abacate, manga, melancia, figo, alface, beterraba, aipim, milho, além de gérberas e de outros tipos de flores, e chás, como hortelã e funcho.



Legenda

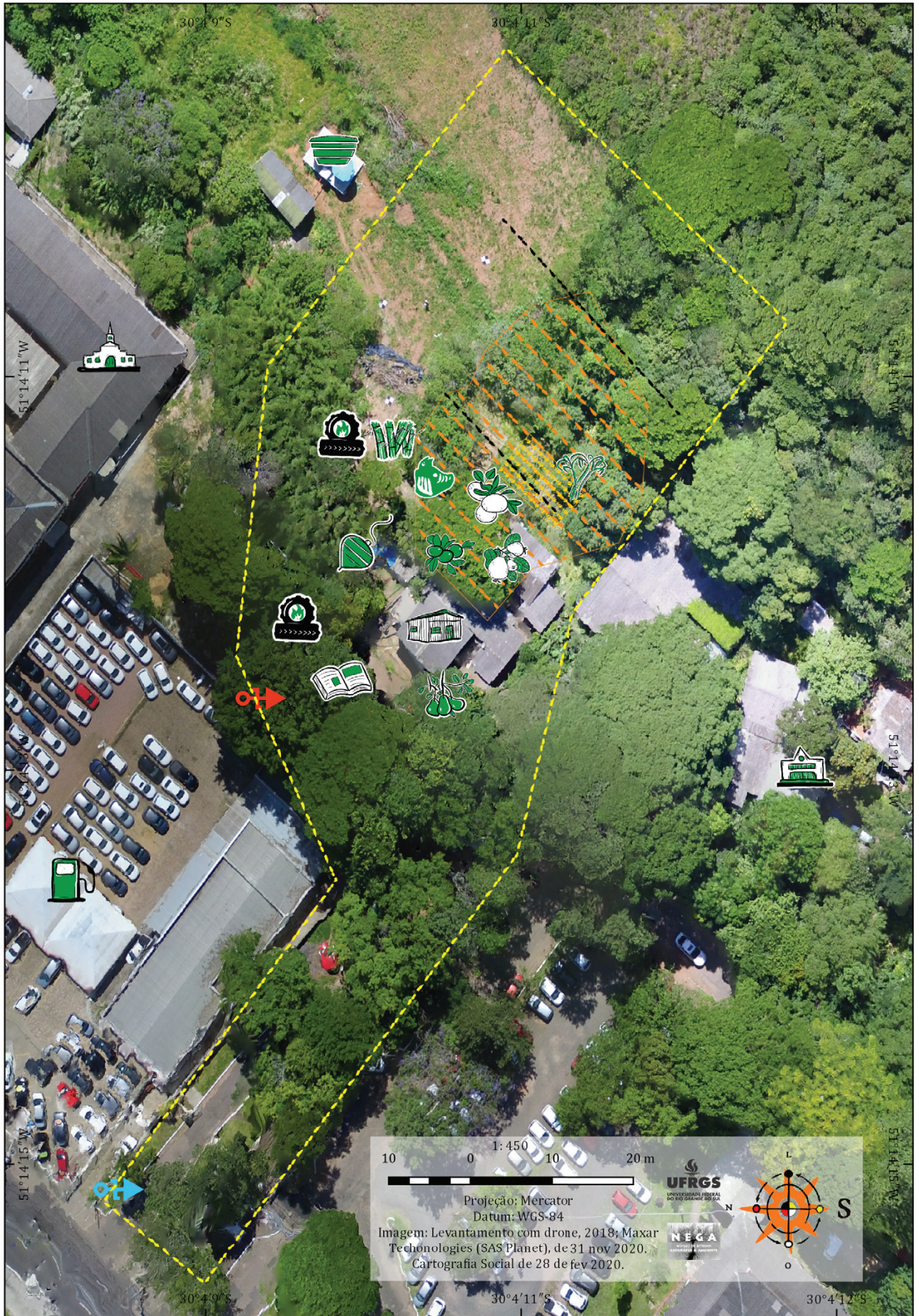
-  Limites do Quilombo da Família Flores
-  Primeira casa do Quilombo
-  Casa de brincar
-  Quilomboteca
-  1º Acesso ao Quilombo
-  2º Acesso ao Quilombo (atual)
-  Abacateiro
-  Bergamoteira
-  Goiabeira
-  Limoeiro
-  Taquareira
-  Plantação de Cana de Açúcar
-  Horta
-  Antiga Plantação de Milho
-  Antiga Plantação de Ervas
-  Antigos Valos de Escoamento
-  Asilo Padre Cacique
-  Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul
-  Posto Esso (antiga Panambra)
-  Caixa d'água do Asilo Padre Cacique
-  Barricada Quilombola
-  Antigo Chiqueiro



Figura 17 – Mapa dos Marcadores Territoriais do Quilombo da Família Lemos. Fonte: NEGA (2020)

QUILOMBO DA FAMÍLIA LEMOS

Marcadores Territorias





Cacique evidenciavam os vínculos da família com o entorno e as suas relações de pertencimento e de responsabilidade com o território.

Os irmãos contam que, no passado, os limites do lago Guaíba vinham até metade da pista da Av. Padre Cacique, espaço que, hoje, encontra-se aterrado. Na infância, a família costumava nadar no lago, chegando, inclusive, a perder um primo, afogado, antes do início das obras de construção do Estádio Beira-Rio (1959-1969) (Figura 22). Comentam, também, sobre o convívio com a comunidade de moradores dos funcionários da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE), localizada do outro lado do prédio da casa de detenção.

Sobre a entrada da casa, os irmãos relatam que, primeiramente, localizava-se onde, hoje, está instalada a revendedora de carros Panambra. Quando a família chegou ao território, na década de 1960, não havia nada no lugar, de modo o espaço que era muito usado, para jogar futebol e para brincar, pelos irmãos e pela família, antes do nascimento de Sandro. Depois, vieram os postos de gasolina: primeiro, como Esso, e, depois, como Petrobras. Nessa época, a entrada do território se dava, atravessando o posto e subindo uma escadaria de pedra, construída pela família, cercada por um portão de ferro. Com a vinda da revendedora de carros Panambra, por volta de 2016, esta entrada foi fechada e o acesso à casa passou a acontecer por uma entrada lateral, através de um corredor (Figura 23) e de uma escadaria de metal, construída pela Panambra. Esse corredor é fechado por um portão de garagem, que dá acesso à rua e que contém um mural, com o nome e com o número do endereço da comunidade (Figura 24).

Por fim, na cartografia **Quilombo da Família Lemos, 1982** (Figura 25), elaboramos o mapa de perícia, que grafa, na fotografia aérea de 1982, fornecida pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade (SMAMUS), os registros da ocupação territorial do Quilombo da Família Lemos há mais de quarenta anos, conforme evidenciam as narrativas de Valéria e de Sandro. Acerca das cartografias de perícia como afirmação territorial das comunidades, enquanto uma prova de suas presenças no território anterior ao marco temporal, cabe um destaque metodológico importante: essa modalidade de mapear se originou, a partir das necessidades e do território do Quilombo da Família Lemos, através de um encontro, no território quilombola, entre Sandro Lemos, o advogado da Frente Quilombola do RS Onir Araújo, o professor e geógrafo Rafael Sanzio e as geógrafas Cláudia Pires e Lara Bitencourt (do NEGA) em 29 de agosto de 2019, concebendo-se a metodologia dos mapas de perícia, que compõem essa obra.



Figura 18 – À esquerda, o abacateiro, plantado pelos pais de Sandro e de Valéria; ao centro, acima, a bergamoteira, e, abaixo, a horta comunitária, cultivada pela família; à direita, o taquaral, cultivado pelos pais de Sandro e de Valéria.

Fonte: NEGA (2020)



Figura 19 – Manutenção da horta familiar, desenvolvida com o apoio dos parceiros dos movimentos sociais quilombolas e dos direitos humanos.

Fonte: arquivo da família Lemos (2020)



Legenda



Quilombo da Família Lemos



Asilo Padre Cacique



Escola Maria Imaculada



Estádio Beira-Rio



Fundação de Atendimento
Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul



Posto Esso



Deslocamento de Dêlzia e Jorge para o Trabalho



Deslocamento de Lazer



Deslocamento para Aparelhos Urbanos



Figura 21 – Mapa dos Movimentos Históricos e Cotidianos do Quilombo da Família Lemos. Fonte: NEGA (2020).

Movimentos Históricos e Cotidianos do Quilombo da Família Lemos

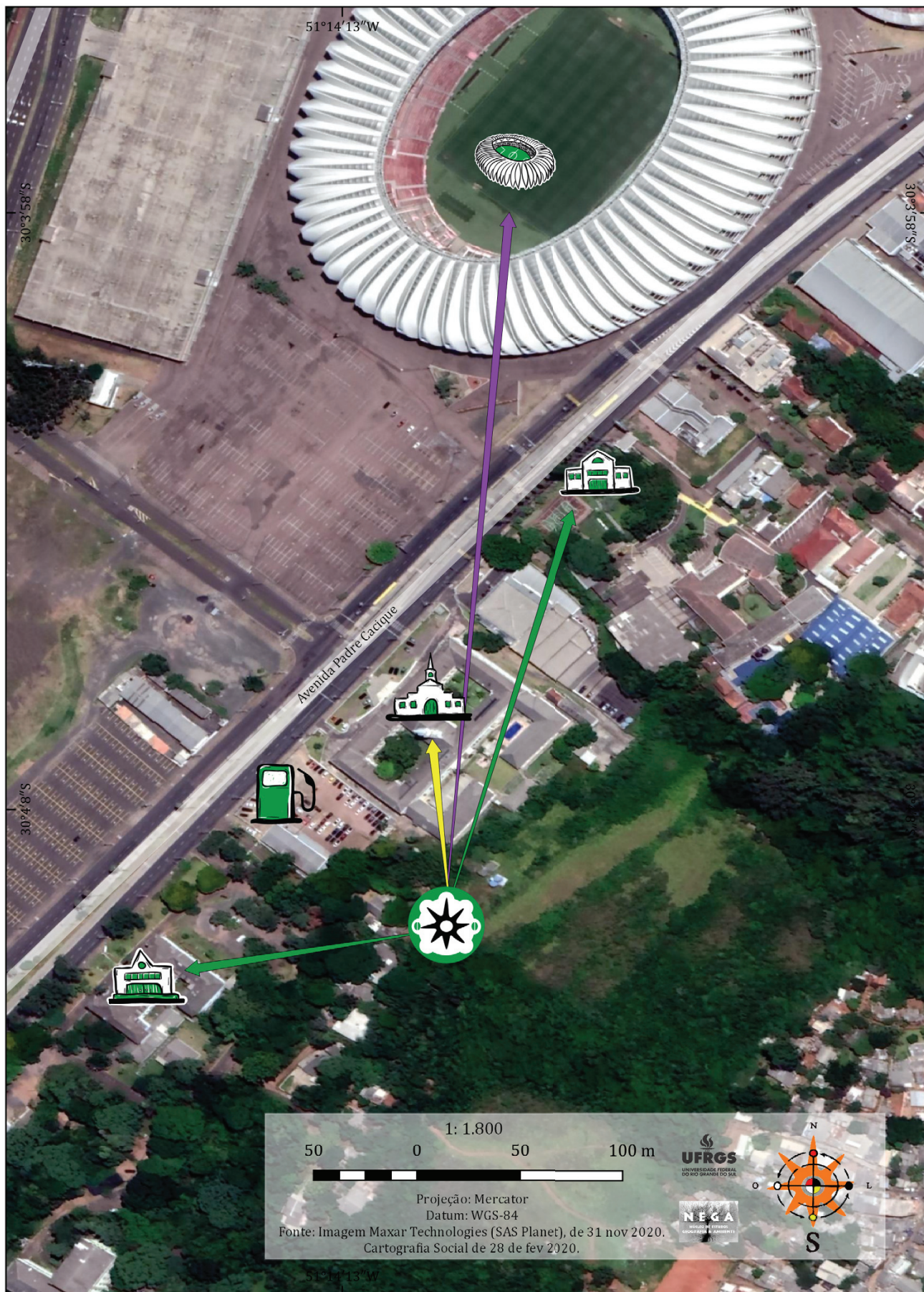




Figura 20 – Quilomboteca Delzia Gonçalves Lemos.

Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)



Figura 22 – Registro das obras de construção do Estádio Beira-Rio, na década de 1960.

Fonte: arquivo do Sport Clube Internacional (2020)



Figura 23 – Muro do corredor de entrada atual do quilombo e, também, limite lateral, que faz divisa com a Fundação.

Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)





Figura 24 – Portão de entrada do território do Quilombo da Família Lemos.

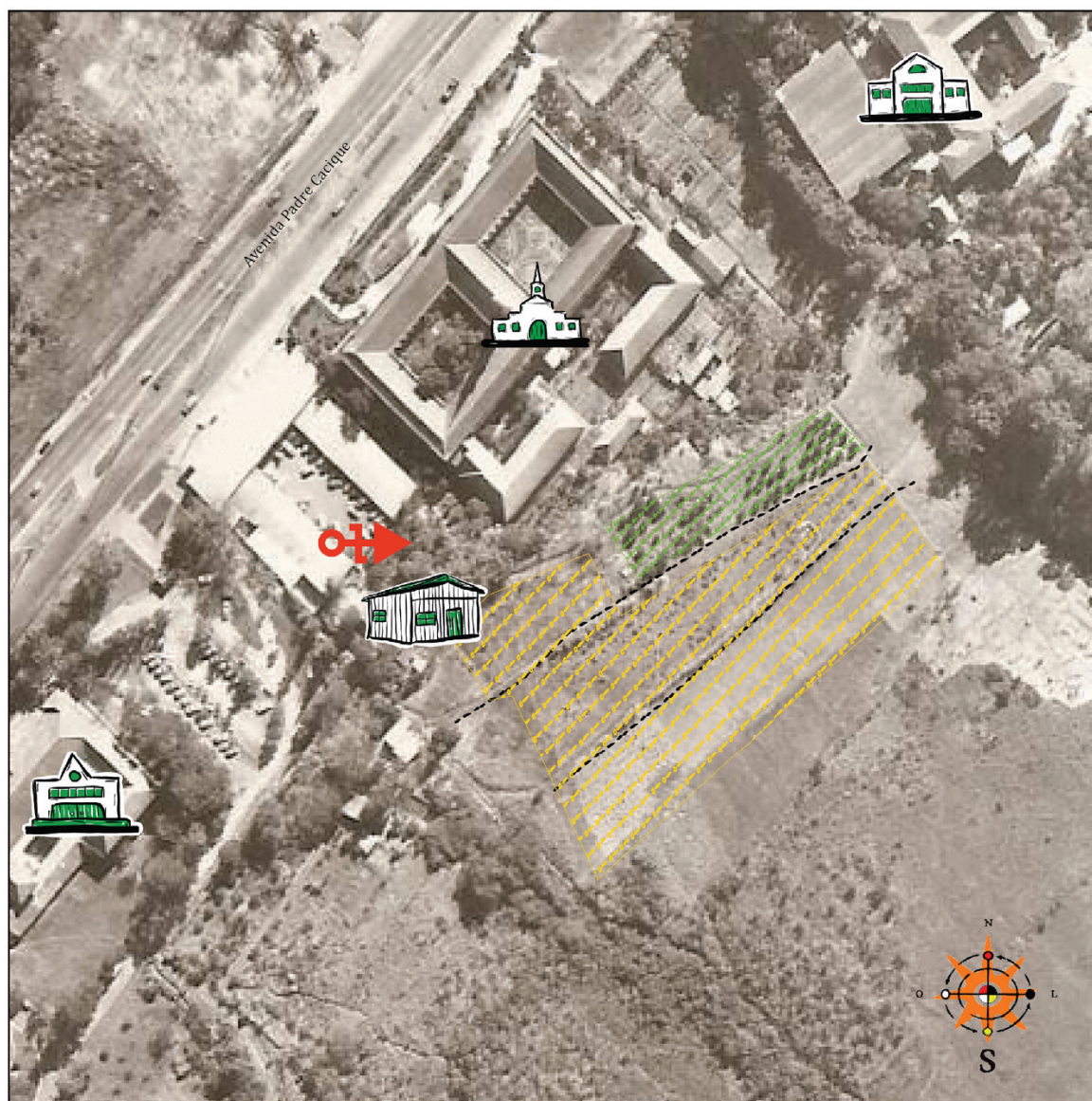
Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)

Cada comunidade quilombola, seja urbana, seja rural, possui características únicas, que desafiam a desenvolver metodologias próprias para o seu mapeamento. Contudo, os conflitos, que envolvem os territórios quilombolas, assemelham-se muito, pois estão marcados pelos racismos estrutural e espacial, que fundamentam a construção socioespacial brasileira. A tese do marco temporal é uma delas, e consiste em um questionamento da legitimidade do Decreto nº 4.887/2003, propondo que sejam consideradas áreas quilombolas e indígenas, aptas à demarcação, apenas as ocupadas antes da publicação da Constituição Federal de 1988. Assim, todos os territórios, reivindicados após esta data, são excluídos do pleito pela demarcação. Atualmente, o Supremo Tribunal Federal (STF), responsável por validar ou não a tese do Marco Temporal, ainda não chegou a um consenso, em relação à redação desta Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI), contudo a ameaça paira sobre os territórios quilombolas e indígenas e demonstra, mais uma vez, a face racista do Estado brasileiro.

Assim, as cartografias de perícia têm o objetivo político de registrar a ocupação dos territórios quilombolas, grafando, nos instrumentos fornecidos pelo próprio Estado, as marcas das ocupações quilombolas, anteriores à Constituição Federal de 1988. A partir dos depoimentos de Sandro e de Valéria Lemos, foi possível traçar, na imagem de 1982, os antigos usos do terreno, como as antigas roças e o pomar, além da primeira entrada para o território quilombola da família Lemos.



Quilombo da Família Lemos, 1982



Legenda

- | | |
|--|--|
|  Primeira casa do Quilombo da Família Lemos |  Antigos Valos de Escoamento |
|  1º Portão de Acesso ao Quilombo |  Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor do Rio Grande do Sul |
|  Antigo Pomar |  Asilo Padre Cacique |
|  Antiga Roça |  Escola Maria Imaculada |

Informações da Aerofotografia

Imagem de 30 de maio de 1982 do Morro Santa Tereza e entorno.
Fonte: SMURB.



Figura 25 – Fotografia aérea do Quilombo da Família Lemos e de seu entorno, em 1982.

Fonte: NEGA (2020)





TRAVESSIAS EM CURSO PELA COMUNIDADE

Apresentamos, neste capítulo, o pertencimento territorial do Quilombo da Família Lemos, fazendo referência ao relatório produzido pelo NEGA, junto à comunidade, em 2018/2020, que constitui, também, um instrumento técnico, que trata do reconhecimento territorial e da afirmação espacial da comunidade no bairro Santa Tereza, em Porto Alegre (RS). Os dados são oriundos da coleta de informações, obtidas no trabalho de campo, e da realização do mapeamento coparticipativo.

Ressaltamos que as comunidades quilombolas não podem ser generalizadas nem consideradas territórios homogêneos, que apresentam formas idênticas de organização social e de distribuição espacial, sendo metodologicamente equivocado construir um modelo, como instrumento de pesquisa indiscriminado, a ser utilizado para todas as comunidades ou, mesmo, usar somente informações universais, dispostas por instituições oficiais. Considerando o Decreto nº 4.887/2003, é previsto procedimento como este, a fim de compreender as dinâmicas geográficas dos vínculos territoriais e a caracterização socioambiental da comunidade estudada, a fim de subsidiar o reconhecimento do território quilombola, por parte do Estado.

Ainda que as particularidades de cada território nos provoquem a engendrar instrumentos de representação próprios, a partir do Quilombo da Família Lemos, foi possível desenvolver a metodologia das cartografias de perícia, que compõem essa obra, que nos alertam para as semelhanças entre os conflitos de terra, que envolvem todas as comunidades quilombolas de Porto Alegre e do país. No entanto, a permanente vigilância dos quilombolas e de seus parceiros anima a resistência às segregações socioespaciais, promovidas pelo Estado, fomentando as ações por reparação geo-histórica pelos crimes de lesa-humanidade, que vitimam as populações indígenas e quilombolas brasileiras (Figura 26).

Em 2020, durante a pandemia do Coronavírus, as ações do Asilo Padre Cacique continuaram ameaçando a comunidade, com a tomada do seu território. Os quilombolas enfrentaram a ameaça de reintegração de posse em plena pandemia, a partir de uma decisão judicial contrária à Família Lemos, que determinou sua retirada, mesmo estando determinado, pela própria justiça, que o INCRA deva concluir os estudos demarcatórios da área da comunidade.

A comunidade passa por grandes enfrentamentos, sob o risco de perder seu território, demonstrando uma das expressões desumanas do racismo estrutural, presente na organização urbana da cidade, e do genocídio, direcionado aos povos tradicionais, impactando indígenas e quilombolas, como historicamente acontece em Porto Alegre. Apesar dessas ações de desestruturação territorial, a comunidade segue nos cuidados com o seu bem-viver, mantendo hortas comunitárias e redes de apoio, para enfrentamento da pandemia do Coronavírus.



Na Figura 27, acompanhamos o registro de vacinação da família contra o Coronavírus. A conquista da vacinação prioritária, pelas comunidades quilombolas, deu-se por via judicial, porém, com o apoio de movimentos sociais e com a auto-organização dos territórios, que fizeram valer a Lei nº 14.021/2020, que reconhece as necessidades especiais das comunidades tradicionais, frente à pandemia.



Figura 26 – Lideranças quilombolas e apoiadores da causa no seminário da Frente Quilombola do RS, realizado no território do Quilombo da Família Lemos em abril de 2019.

Fonte: arquivo da família Lemos (2019)



Figura 27 – Família Lemos imunizada, após vacinação contra o Coronavírus.

Fonte: arquivo da família Lemos (2021)



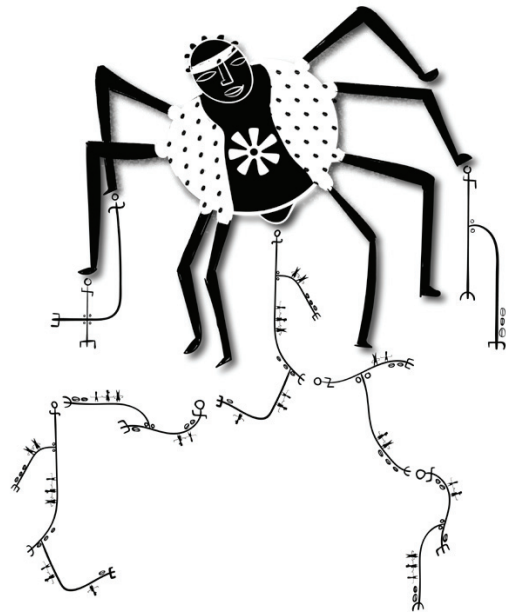
CONVERSANDO SOBRE O QUE ESTAMOS APRENDENDO...

I. Proposta para atividades pedagógicas:

1. **Temática:** O Quilombo dos Lemos: história e identidade.

2. **Objetivos:**

- Conhecer aspectos da cultura e da história do Quilombo dos Lemos;
- Valorizar os saberes tradicionais e a identidade quilombola.



3. **Atividade:**

1. O Quilombo da Família Lemos é uma das nove comunidades quilombolas urbanas de Porto Alegre e fica localizada na zona Sul da cidade, no bairro Santa Tereza, próximo à orla do lago Guaíba e ao Estádio de Futebol José Pinheiro Borda (Beira-Rio). O Quilombo Lemos foi a sétima comunidade a se autorreconhecer como comunidade quilombola na capital gaúcha.

Pesquise e responda:

- a) Qual é o principal conflito territorial do Quilombo dos Lemos? Na sua opinião, qual seria a solução para eles?
- b) Cite alguns marcadores territoriais cartografados no Quilombo dos Lemos.
- c) Cite alguns aspectos culturais do Quilombo dos Lemos.
- d) Quais são as modificações, que ocorreram no entorno do Quilombo dos Lemos, nas últimas décadas?
- e) Quais são as instituições, que, atualmente, fazem limite com o território do Quilombo dos Lemos?
- f) Que ações foram realizadas, pela comunidade do Quilombo dos Lemos, para se consolidar no território e por que elas são importantes para o território quilombola?



REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

BRASIL. **Lei nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Brasília: Casa Civil, 2003.

BRASIL. **Lei nº 14021, de 07 de julho de 2020**. Brasília, Casa Civil, 2020.

FERNANDES, Bruno. **Relatório Antropológico**. / Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Rio Grande do Sul – Núcleo das Comunidades Indígenas e Minorias Étnicas (NUCIME – PP/RS). Porto Alegre, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e identidade: o desmantelamento da terra africana e a construção – da Angola colonial (c. 1872-c. 1926)**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: www.africafederation.net/desmantelamento_africano.pdf. Acesso em: 1º mar. 2013.

OLIVEIRA, Solange de; RUBERT, Rosane Aparecida. Comunidade quilombola de Maçambique Canguçu/RS: (Re)constituição de um território, cultura e identidade. *In*: VII SEUR e I Colóquio Internacional Sobre Educação do Campo e Ensino de Geografia – Eixo 2 – Economia, Território, Comércio e Consumo. Pelotas, 2011. **Anais** [...]. Pelotas, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/seur/article/view/5266>. Acesso em: 11 mar. 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: Modos e significações**. Brasília: UnB/INCTI, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de Brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5)

FICHA TÉCNICA – QUILOMBO DA FAMÍLIA LEMOS

Relatório técnico e texto didático-pedagógico: Carlos Henrique de Oliveira Aigner, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Giulia Assunção Sichelero, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Sandra Valéria Lemos Barbosa, Sandro Gonçalves Lemos e William de Oliveira Silva da Silva.

Fotografia: Ariel Rocha de Lima

Ilustração: Gabriel Muniz de Souza Queiroz.

Cartografias: Cláudia Luísa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Bitencourt, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.



Trabalho de campo: Ariel Rocha de Lima, Cláudia Luisa Zeferino Pires, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade do Quilombo da Família Lemos, aos grandes companheiros de luta Sandro Gonçalves Lemos, Mara R. Lemos e Sandra Valéria Lemos Barbosa – obrigada pela acolhida, pelo diálogo e pelo mapeamento do rico território da Família Lemos, no bairro Santa Tereza. Agradecemos ao movimento social Frente Quilombola do RS, que se dispôs na mediação e no diálogo, junto à comunidade, sobretudo, no amparo jurídico.

